



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

LEANDRO SANTOS COSTA

**A MORTE DE DEUS OU SUBLEVACÃO DO SUJEITO? REFLEXÕES DO HOMEM  
MODERNO A PARTIR DO OLHAR NIETZSCHIANO**

**CAMPINA GRANDE  
2016**

LEANDRO SANTOS COSA

**A MORTE DE DEUS OU SUBLEVÃO DO SUJEITO? REFLEXÕES ACERCA  
DO HOMEM MODERNO A PARTIR DO OLHAR NIETZSCHIANO**

Artigo Científico apresentado ao curso de Filosofia como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de graduação. Orientador: Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

CAMPINA GRANDE  
2016

C837m Costa, Leandro Santos

A morte de Deus ou sublevação do sujeito? [manuscrito] : reflexões do homem moderno a partir do olhar Nietzscheano / Leandro Santos Costa. - 2016.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Departamento de Filosofia".

1. Filosofia Alemã 2. Deus 3. Morte 4. Nihilismo I. Título.

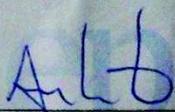
21. ed. CDD 193

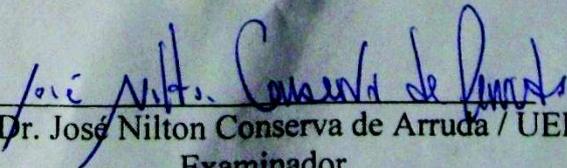
LEANDRO SANTOS COSTA

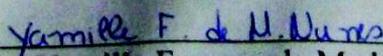
**A MORTE DE DEUS OU SUBLEVAÇÃO DO SUJEITO? REFLEXÕES DO  
HOMEM MODERNO A PARTIR DO OLHAR NIETZSCHIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Filosofia da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 23/05/2016.

  
\_\_\_\_\_  
Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Lic. Yamille Fragoso de Medeiros Nunes / UEPB  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

À meus familiares, em especial: Tiago Santos Costa, Maria do Socorro Santos Costa, Humberto Martins da Costa, Edjane Martins da Costa, Windson Silva dos Santos Filho, Thayane Fernandes dos Santos, Fabricio Farias dos Santos, Flavio Martins da Costa, Camila Martins, Valmir Martins da Costa, Telma Martins da Costa; póstumos, Inácia Maria dos Santos, Marcos Martins da Costa, José Tito de Souza e Antônia Ana da Conceição.

À meus amigos, em especial: Geiçon Pablo Bezerra da Silva, Samuel Paulino, Gildo Azevedo, Junior Mazzochi, Paulo Vicente, Luan Lima, Hildebrando Jefferson, Isaias Oliveira dos Santos, Thiago Oliveira dos Santos, Bruno Crispim, Gildo Azevedo; à Kamylla Rodrigues dos Santos pelos auxílios no decorrer do curso.

À minha namorada, Marya Edwarda Souza Lapenda.

Dedico a minha vontade de potência.

Conquistar – é o efeito necessário de um *excedente de poder*: a mesma coisa que o ato de *criação* ou de *fecundação*, portanto a incorporação de sua própria imagem numa matéria estranha. É por isso que o além homem deve criar, isto é, impor a outrem sua superioridade, seja como senhor, seja como artista.

F. Nietzsche

Trata-se talvez unicamente do corpo em todo o desenvolvimento do espírito: esse desenvolvimento consistiria em nos tornar *sensível à formação de um corpo superior*. O orgânico ainda pode se elevar a graus superiores. Nossa avidez de conhecer a natureza é um meio para o corpo se aperfeiçoar.

F. Nietzsche

Vós dizem que é uma decomposição espontânea de Deus, mas é apenas uma muda: ele se despe de sua pele moral. E logo vocês o reencontrarão – além do bem e do mal.

F. Nietzsche

## RESUMO

É perceptível na filosofia de Nietzsche a construção do personagem "o homem louco" como indicador da responsabilidade do assassinato de Deus apontando para uma coletividade, ou seja, que inclui a si mesmo. Nietzsche está imerso na cultura europeia, a saber, o ápice do movimento iluminista em plena vigência do racionalismo e cientificismo instrumental, ou seja, do que temos hoje relacionado a "modernidade". A ascensão da ideologia moderna determina a autonomia racional do sujeito e da supremacia da ciência como fundamento absoluto das verdades do mundo. O edifício racionalista moderno que começa a ser erguido por Descartes e depois por Kant quando fundamenta sua crítica da razão excluindo a metafísica do âmbito do conhecimento, assim as questões relativas à existência de Deus e imortalidade da alma não poderiam ser abordadas e tocadas na esfera do conhecimento, do mesmo modo a metafísica jamais poderia fundamentar alguma noção de validade do conhecimento, pois, segundo Kant, determinar possibilidades e condições metafísicas não passa de uma furtiva e imaginativa necessidade humana. Assim, Nietzsche observa que o projeto racionalista iluminista é uma ruptura com o modelo político, filosófico e religioso vigente. Portanto, quando o personagem nietzschiano Zaratustra – ou o homem louco – diz “nós matamos Deus”, ele está constatando que o homem ocidental moderno, constituído em sua hipertrofia racional é que determina a tão propagada “morte de Deus”. Desta forma, o presente artigo pretende discutir a “morte e Deus” e o “niilismo” a partir do olhar nietzschiano, e como os sujeitos partindo de um lugar social instituído pela razão se relacionaram com o transcendental.

Palavras-chave: Morte de Deus. Nihilismo. Nietzsche.

## ABSTRACT

It is noticeable in Nietzsche's philosophy to build character "mad man" - as an indicator of the responsibility of God's murder - pointing to a collectivity, that is, including himself. Nietzsche is immersed in European culture, namely the height of the Enlightenment in full force of rationalism and scientism instrumental, that is, what we have today related to "modernity." The rise of modern ideology determines the rational autonomy of man and the supremacy of science as absolute foundation of the truths of the world. The modern rationalist building - which begins to be erected by Descartes and later by Kant when bases his critique of reason excluding the metaphysical scope of knowledge, and questions concerning the existence of God and immortality of the soul could not be addressed and touched the ball knowledge, just as metaphysics could never support any notion of validity of knowledge, for Kant, determine possibilities and metaphysical conditions is only a furtive and imaginative human need. Thus, Nietzsche notes that the Enlightenment rationalist project is a break with the political model, philosophical and religious force. Therefore, when the character Nietzsche's Zarathustra - or the crazy man - says "we killed God," he is stating that the modern Western man, made in his rational hypertrophy that determines the much publicized "death of God". Thus, this article discusses the "death and God" and "nihilism" from the Nietzschean look, and how the subjects starting from a social place established by reason is related to the transcendental.

Key words: Death of God; Nihilism; Nietzsche.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1.0 - PRESSUPOSTOS DO HOMEM MODERNO.....	12
2.0 - NIILISMO COMO CRISE DO SUJEITO MODERNO.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

## INTRODUÇÃO

É comum confundir a questão da morte de Deus que Nietzsche reivindica para si com o estatuto do assassino de Deus. No entanto, a realidade é outra e nesse sentido, o que Nietzsche faz é mostrar para o homem moderno que Deus está morto e nós somos seus assassinos. Seu intuito é trazer a luz uma realidade e uma experiência que é incontornável, inextirpável do próprio esclarecimento. A saber, o sujeito moderno foi responsável por introduzir no mundo a história sob o domínio da Razão Esclarecida. A Razão Esclarecida é aquela que nega toda forma de controle e submissão. Ela é a Razão Absoluta da autossujeição, sem Deus, pois ele é uma forma de manter o homem na subordinação. Logo, para Nietzsche a ciência moderna é intrinsecamente ateuista, o grande problema é que o homem moderno é querer uma coisa e o seu contrário também. Quer emancipar-se, torna-se autônomo mas se “esconde” em um abrigo absoluto qualquer, como um placebo.

Por ter a razão emancipada o sujeito estaria em condições de construir a sua relação com o mundo e com os outros sujeitos de uma forma tal que conseguiria eliminar qualquer espécie de absoluto, forma de controle, todas as utopias e sucedâneo do Deus morto. O problema diz Nietzsche, é que uma vez posto em movimento, esse processo pede a completa emancipação da razão e não tendo como detê-la ele deve ser levado até as suas últimas consequências. Nós não conseguimos evita-lo em nenhum expediente, e portanto, devemos passar pelas nossas doenças e enfrentarmos as nossas próprias travessias. Mas o grande problema ainda é o niilismo, uma corrente filosófica que, em princípio, concebe a existência humana como desprovida de qualquer sentido e que tem a característica de apresentar elementos que aparentemente são o seu contrário mas, no fundo são a preservação da sua essência como por exemplo, o fundamentalismo, entendido como a defesa incondicional de um fundamento de proporções relevantes, que se debruça sobre questões pertinentes à existência humana, no caso da filosofia, ele ocorre sempre que as análises são muito fechadas ou pautadas nas análises daqueles com quem tem concordância.

É justamente no momento em que não se tem mais um valor subsistente do ponto de vista da realidade histórica, é justamente quando as referências de valores estão perecendo que segundo Nietzsche, se sacraliza o profano. E aparece o fundamentalismo como uma sociedade de consumo, sociedade hedonista, ininterruptamente posta como uma sociedade de

mais consumo e de mais entretenimento. Do ponto de vista Nietzscheano, esses são sintomas inequívocos do niilismo, pois é preciso que se apresente ainda algo como referência suprema, mesmo que seja a felicidade, conforto, lazer, diversão, padrões de consumo e etc. Portanto, essa questão da morte de Deus não é tanto um efeito da filosofia de Nietzsche, quanto um efeito do próprio esclarecimento que a filosofia nietzschiana busca formular como um problema para a moderna consciência filosófica. Esse aforisma – o homem louco - é a ponte para a crítica nietzschiana sobre a modernidade e a “condenação” do homem, verdadeiro responsável pela morte de Deus. Desta forma, devemos perceber qual homem moderno é o acusado deste assassinato? O que ocorria na Europa que levou o homem a ser o assassino de Deus?

Para responder a tais questões, nos utilizamos de revisões da literatura, principalmente as obras de Nietzsche que nos construirá as pontes necessárias para refletir e problematizar a morte de Deus que como afirmamos anteriormente, não deve ser entendida como uma blasfêmia ou uma afronta gratuita proferida pelo filósofo, pois ela é uma constatação de uma situação histórica do pensamento ocidental e é essa constatação que nos fará visualizar esse homem moderno.

## 1.0 - PRESSUPOSTOS DO HOMEM MODERNO

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado e pôs-se a gritar incessantemente: 'procuro Deus! Procuro Deus?' - E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? - Gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. 'Para onde foi Deus?', gritou ele, 'já lhes direi' *Nós o matamos* -você e eu. Somos todos os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguiremos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? ... Não vagamos como através de um nada infinito? ... Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? - também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morte! Nós o matamos.<sup>1</sup>

Nietzsche se encontrava em meio a transição cultural europeia em plena construção daquilo que se configuraria como imagem da modernidade, ou seja, o “controle” do racionalismo e as técnicas científicas mais a culminância dos ideais iluministas. Foi o resplandecer dessas concepções que tornou a ciência e o homem racional possuidores da verdade. Já não era mais tão importante discutir questões metafísicas, pois a modernidade era construída através das concepções de Galileu Galilei, Newton, Laplace, Descartes, Kant<sup>2</sup>, onde esse último ao desenvolver sua crítica, afirma que a metafísica não assegura uma noção válida do conhecimento, desta forma se exclui a alma eterna, Deus e os conceitos religiosos por assim dizer. Posteriormente, o homem moderno se depara como o positivismo de Augusto Comte<sup>3</sup> onde o desenvolvimento humano está nas ciências, conseqüentemente a religião e a metafísica se tornam estágios inferiores no homem.

O projeto Iluminista é a ruptura com que estava em poder há muito tempo e demonstrava-se falho, a saber, o pensamento teológico que pairava na Europa mesmo após a desestabilização das estruturas medievais segundo a concepção do próprio iluminismo, assim,

1 NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001, p. 64-65.

<sup>2</sup> KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

<sup>3</sup> COMTE, Auguste. **Princípios de filosofia positivista**. São Paulo: editorial paulista. [19...a].

a Aufklärung era a luz que iria trazer a verdade à tona, é então o marco da “completa” racionalização da sociedade moderna. Desta forma, essas concepções – racionalista/iluminista/ religiosa -, são as provas para a suposta morte de Deus, elas deslocam do poder a religião, a filosofia, e em seu lugar colocam a ciência, o novo Deus.

Com a morte de Deus a modernidade penetrou na racionalidade e se afundou em um novo tipo de niilismo, pois se nega o espírito da arte, da criação, dos instintos, da imaginação para a submissão da razão. Isso gera um oco dentro do homem moderno, que se tenta preencher com o consumo compulsivo desenfreado. A única solução para este vazio ao qual se encontra o homem moderno é o super-homem – o Übermensch<sup>4</sup> -, que se encontra entre o apolíneo e o dionisíaco, um além-homem que utiliza da razão e dos instintos, que diz sim a vida, encarando-a de frente, um ser artístico imaginativo ante a esse niilismo moderno. Segue Nietzsche, “desde Copérnico o homem parece ter caído em um plano inclinado – ele rola, cada vez mais veloz para longe do centro – para onde? Rumo ao nada? O lancinante sentimento de seu nada?”<sup>5</sup> (1998, p. 142-143). Se a morte de Deus traz um vazio, então é preciso eleger um ser que nos preencha esse espaço e nos dê um sentimento de conforto, portanto, a morte de Deus é resultado da saída do colo da religião, tornando o sujeito um microcosmo separado de sua totalidade absoluta e submisso a ciência redentora da verdade.

O devir é a eterna mobilidade que faz o ser quem o é, segundo Nietzsche, se busca uma solução para esse devir através de esperanças além-vida onde tudo se concretizará em um estado de imutabilidade, assim, essa moralidade ocidental nos faz negar a vida, desprezando o corpo e nos afastando mais de nossa totalidade:

[...] Queriam fugir da sua miséria e as estrelas estavam demasiado longe para eles. Então suspiraram: 'Oh! Se houvesse caminhos celestes para

4 Utilizarei a concepção do Übermensch, explicitado por Machado: Considero “super-homem” a melhor tradução para Übermensch. Primeiro, porque “super” também tem o sentido de “sobre” - que é outra possibilidade de traduzi Über [...]. Segundo, porque é importante manter correspondência entre “super-homem” (Übermensch), “super-herói” (über-held) [...] para indicar mais claramente que o sentido de “super-homem” é dado pelo processo de auto-superação. Terceiro, porque é mais eufônico do que “sobre-humano”, “supra-humano”, “além-do-homem”, outras possibilidades corretas de tradução. Quarto, porque o termo já tem um uso consagrado na língua portuguesa. (MACHADO, R. **Zaratustra**: tragédia nietzschiana. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 45)

5 NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 142-143.

furtivamente deslizar para outro ser, outras felicidade!' Então inventaram seus artifícios e suas barberagens sangrentas [...].”<sup>6</sup>

Esse desejo da eternidade se faz quando o sujeito se depara com o término das coisas, assim começamos a determinar a realidade. Nietzsche não é contra Deus ou o seu messias, ele apenas mostra através do personagem -o insensato- que o homem moderno é assassino confesso de Deus e que esse ato torna esse sujeito desamparado quando se confronta com a realidade se afogando em um niilismo de consumo – ao qual nos aprofundaremos na segunda parte.

A morte de Deus também é a morte do homem, pois o período de declínio do homem se inicia com essas falências: “a civilização corria os riscos de ser destruída pelos próprios meios civilizados”<sup>7</sup> (NIETZSCHE, 2000, p. 272). Diante desses pressupostos, Nietzsche percebe que a autonomia do homem foi um processo vindo do período final da idade média, pois se inicia um processo de descoberta das leis da física, onde o mundo regido por si só, é autossuficiente também com a arte, o estado, a religião...

É a partir do humanismo, onde Newton, Leibniz, Pascal e até Descartes dão impulsos para o domínio do homem na natureza (por exemplo, Copérnico retira o homem do centro do universo tornando-o molecular<sup>8</sup>) que há a desestabilização das estruturas da concepção cósmica tradicional, pois o mundo agora é racional e puramente matemático, conseqüentemente, as edificações desses períodos da subjetividade moderna foram fundamentais para a afirmação da matematização da natureza – tornando-lhe seu objeto de domínio do homem -, retirando assim, Deus, pois a razão não é submissa a um ser absoluto, o espaço existente é de interesse técnico.

É de Kant a definição clássica da Modernidade. Para ele, nela o homem chega à sua maioridade, deixando-se guiar pela razão e rompendo com as tradições e dogmas que determinavam sua vida até então. Max Weber explicita a definição kantiana ao apontar para o mundo moderno como um mundo que descarrila, abrindo espaço para a razão humana e profana. Hegel é o filósofo por excelência da Modernidade. Com ele acrescenta o princípio

6. \_\_\_\_\_, F. **Assim falou Zaratustra**. Trad. de Mario da Silva. 11 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 44.

7 \_\_\_\_\_, **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 272.

<sup>8</sup> MOURÃO. Ronaldo Rogério de Freitas. **Copérnico: pioneiro da revolução astronômica**. Rio de Janeiro: editora Odysseus- coleção Imortais da ciência. 2004.

da subjetividade. Tal princípio da subjetividade. Tal princípio tornou-se o horizonte e o fundamento da cultura moderna.<sup>9</sup>

Hobbes<sup>10</sup>, também começa a arquitetar a retirada de Deus, subordinando a igreja ao homem e abstendo-a da “transcendência”, como origem divina; o pensador Espinosa<sup>11</sup> “reduziu” Deus ao colocá-lo na natureza dispersa - imanente. Saindo do século XVII, e penetrando no século XVIII e XIX, encontraremos as concepções que “retiram” a autoridade divina tornando o sujeito cada vez mais autônomo, cada vez mais independente. O ateísmo é contundente e propagado pelos ideários do iluminismo, como também pelos materialistas Feuerbach e Marx que não pregariam um ateísmo que negaria a possibilidade de Deus, mas um esquecimento da existência de Deus, assim gerando o seu falecimento, segundo Machado (1997, p.64), o que caracteriza o ateísmo é nada além do que um refinamento da vontade de verdade criada pelo platonismo e cristianismo:<sup>12</sup>

A apresentação das “ideias modernas” poderia continuar. Mas o que mostraria ela senão que a “morte de Deus” é cristianismo secularizado, um aprofundamento dos ideais cristão, e não uma efetiva ruptura? “... o valor, o sentido, a esfera dos valores eram sólidos, incondicionais, eternos, sendo identificado com Deus... transferiu-se o advento do 'Reino de Deus' no futuro, sobre a terra, no humano – mas no fundo se manteve a crença no antigo ideal...” O homem moderno nega Deus, mas continua inconscientemente a reverenciá-lo ao pôr em seu lugar ideias modernas como, “humanidade”, “sociedade livre”, “ciência”, “progresso”, felicidade para todos” ... substituir Deus pelos humanos, como fez a modernidade, coloca valores humanos, demasiado humanos, no lugar de valores considerados divinos, não muda o essencial.<sup>13</sup>

Nietzsche percebe a metafísica no alicerce da sociedade moderna e que no decorrer de todo esse processo não se importa em negar a existência de Deus. Na citação inicial do texto – o homem louco -, ele nos mostra um “desaparecer” de Deus, não há provas de sua existência, como também encontramos no aforisma 343<sup>14</sup> – A nossa serenidade – de 'A Gaia

9 MATOS, Junot C. Críticas nietzschianas à modernidade. **Revista impulso** nº 28 – volume 12, Piracicaba/SP 2001, p. 136. Disponível: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp28art12>. Acessado em 27 de Abril de 2016.

<sup>10</sup> SKINNER, Q. **Razão e Retórica na Filosofia de Thomas Hobbes**. Ed. Unesp, São Paulo, 1999.

<sup>11</sup> ESPINOSA, B. **Pensamentos Metafísicos**. 2 ed. Tradução e notas de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

<sup>12</sup> MACHADO, R. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 64.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_, 1997, p. 64.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, F. 2001, p. 181.

Ciência': o acontecimento de maior grandeza dos últimos tempos – o fato de que “Deus está Morto”, ou seja, o fato de que a fé no Deus cristão despojou-se as suas plausibilidades – já lança as suas primeiras sombras na Europa. Em Zaratustra a maior afirmação era a “comprovação” do niilismo da modernidade – debateremos sobre o Niilismo e suas quatro formas o ativo, reativo, passivo e negativo, na segunda parte -, era já expressiva uma não crença fortificada em Deus, em base moral cristã. “O niilismo, acontecimento mais universal da modernidade, impõe-se como característica mais universal da modernidade, simultaneamente uma história e um destino. A história do pensamento ocidental é considerada como niilismo que se radicaliza.”<sup>15</sup>

Então “o maior acontecimento recente: a desvalorização dos valores divinos.”<sup>16</sup> Assim Deus morre no sentido filosófico de fato, “o suprassensível, o mundo metafísico foi desvalorizado, perdeu o poder eficiente, sua força de obrigação”:<sup>17</sup>

É o homem moderno o responsável pela perda da confiança em Deus, pela supressão da crença no mundo verdadeiro, pela substituição da metafísica clássica e do cristianismo, pela substituição da teologia pela ciência, do sono dogmático pelo sonho antropológico, do ponto de vista de deus pelo ponto de vista do homem. A expressão “morte de deus” é a constatação da ruptura que a modernidade introduz na história da cultura com o desaparecimento dos valores absolutos, das essências, do fragmento divino. Significa, portanto, das essências da autoridade de Deus e da Igreja pela autoridade do homem considerado como consciência ou razão; a do desejo de eternidade pelos projetos de uma beatitude celeste por um bem estar-terrestre.<sup>18</sup>

Muito se escreveu a respeito desse desígnio fundamental da filosofia de Nietzsche que identifica a transvaloração de todos os valores com o projeto de reversão do platonismo. O homem moderno, segundo Nietzsche, deve ser superado, e para isso ocorrer deve superar a si mesmo, sendo assim o super-homem é o que diz sim a vida e toda a sua tragicidade. A morte de Deus é ao mesmo tempo uma transmutação dos valores, desta forma a construção de valores é uma vontade de potência, pois é um dizer não a submissão, é um não controlar alheio, ou uma postura antiética, o super-humano é o que não nega a vida, não se fragmenta, é o que nega qualquer valor moral. O super-homem, é independente, autônomo, nega um além-vida, como as tradições aplicadas. A transvaloração de todos os valores:

<sup>15</sup> MATOS, 2001, p. 139-140.

<sup>16</sup> MACHADO, 1997, p. 47.

<sup>17</sup> \_\_\_\_\_, 1997, p. 48.

<sup>18</sup> \_\_\_\_\_, 1997, p. 42.

Neste sentido, super-homem é superação, ultrapassagem. De quê? Do homem tal como ele foi; do homem do passado e suas crenças em Deus. É a sua superação do homem como “sua doença de pele da terra”, para usar a bela terrível imagem com que Zaratustra define o homem em “De grandes acontecimentos”, na segunda parte do livro. Se quisermos dizer como Deleuze, o super-homem é o novo modo de avaliar; uma forma de vida; um outro tipo de subjetividade.<sup>19</sup>

A saída exposta por Nietzsche para essa falência é o super-homem afirmado pelo personagem do Zaratustra, “assim como Nietzsche descreveu metaforicamente a morte de Deus como o esvaziamento do mar, o apagamento do horizonte, o desligamento da terra do sol, Zaratustra prometerá o super-homem como novo mar, novo horizonte, novo sol.”<sup>20</sup> Se para Zaratustra o super-homem é o sentido do homem, logo esse é um alvo a ser atingido, mesmo sendo muitas vezes inatingível, é só e pela vontade do homem de chegar a esse caminho, e assim pensa Zaratustra:

[...] ensinar aos homens o sentido de sua existência, que é o super-homem, o relâmpago que surge da sombria nuvem chamada Homem. Mas estou ainda bem longe deles e meu sentido nada diz a seus sentidos. Para os homens, ainda estou a meio caminho entre um palhaço e um cadáver.<sup>21</sup>

O super-homem possibilita a afirmação dos instintos que ligam o homem a terra assumindo a causalidade da vontade como derradeira, e essa vontade de potência é a força instintiva da vida, é a força criadora de valores; todas as transformações deverão ser pensadas nos aspectos humanos, vistos e sentidos, “a vontade de potência é agora caracterizada como vontade de tornar pensável todo o existente, tudo que é (allesseiende); de submeter, dobrar, o mundo à vontade de potência do homem; de tornar seu 'espelho', seu 'reflexo’.”<sup>22</sup> Portanto a vontade de potência é um além vida, ou seja, é a superação da vida em si mesma.

[...] vida terá sempre de superar a si mesma”, “subir quer a vida e, subindo, supera a si mesma”, [...] ela está na relação entre a vida, auto superação e vontade de potência, ou mais precisamente, na apresentação da vontade de potência como princípio pelo qual a vida se projeta para além de si mesma

<sup>19</sup> \_\_\_\_\_, 1997, p. 49.

<sup>20</sup> \_\_\_\_\_, 1997, p. 49.

<sup>21</sup> NIETZSCHE, 2000, p. 30.

<sup>22</sup> MACHADO, 1997, p. 99

pelo qual ela se auto supera, o que permite compreender por que a vida pôde se apresentar como mutável em “Do canto e da dança.”<sup>23</sup>

Se nos possuímos ou deixamo-nos ser possuídos por completo pela racionalidade, estaríamos matando o que há de mais importante no ser humano, sua imaginação, sua criatividade, seus instintos, ou melhor, estaríamos eliminando o nosso lado dionisíaco da vida. “Nietzsche vê a história da Europa como história da metafísica, e a metafísica como uma fetichização da moral que esconde, por trás, o domínio. Daí seu empenho para encobrir o que se pode chamar de ‘ideologia da verdade’.”<sup>24</sup> A arte tem um poder restaurador. A arte possui raízes profundas as quais o intelecto não consegue chegar, isto é, a linguagem da arte nasce de dentro para fora. O intelecto está contrário às coisas exteriores que mesmo retirando as técnicas e fantasmas da experiência tentando de alguma forma racionalizar ou justificar, não consegue acessar suas fontes internas. A linguagem artística perante esse mundo na visão nietzschiana é a erupção da vida, o sentir das próprias forças cósmicas da vida. É o apolíneo e o dionisíaco, o deus que dança, ou seja, é o homem que diviniza sua própria vida em um amor mais que incondicional a ponto de desejar que aconteçam infinitas vezes alegria e a mesma dor no eterno retorno do mesmo.

Nietzsche, ao pesquisar sobre a tragédia grega clássica perceberá a importante relação entre a música e a tragédia, partindo disso ele pretendia criticar a cultura moderna ocidental configurando como um resgate da vida e uma nova aurora na concepção do homem que estava submerso na racionalidade e supervalorização. Assim a relação entre Apolo e Dionísio será de criação, pois a incessante luta entre eles cria sempre, por isso a identificação com a arte. Em suma, a arte em Nietzsche nada mais é do que um ode à vida e as forças que nos conduzem, onde a tarefa da arte é a de promover o engrandecimento da vida, e a força capaz de superar a racionalização moderna, e só um super-homem será capaz de trazer em si esse impulso da criatividade, só um super-homem terá em si o equilíbrio entre a razão e o instinto. Por isso, se configura em Nietzsche a ideia do eterno retorno, pois é o desejar ter a realidade novamente, é querer uma eternização do momento que passa como descrito por Nietzsche no fragmento “O Maior dos pesos” - § 341, A Gaia Ciência:

[...] Esta existência, tal como a levas e a levastes até aqui, vai-te ser necessário recomeça-la sem cessar, sem nada de novo, ao contrário, a menor dor, o menor prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que

<sup>23</sup> \_\_\_\_\_, 1997, p. 100.

<sup>24</sup> MATOS, 2001, p. 142.

pertence à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indivisivelmente grande ou pequeno, tudo voltará a aparecer, este lugar entre as árvores, e este instante, e eu também! A eterna ampulheta da vida será invertida sem descanso, e tu com ela, ínfima poeira das poeiras! [...] “Queres isto outra vez e por repetidas vezes, até o fim? E pesaria sobre tuas ações com um peso decisivo e terrível! Ou então, como seria necessário que amasse a ti mesmo que amasse a vida para nunca mais desejar nada além dessa suprema confirmação!”<sup>25</sup>

O eterno retorno é um ato dionisíaco de dizer sim a vida, é suportar todo o seu destino sabendo que ele é o mais trágico possível; o homem moderno não só mata Deus, como também tende a um assassinato da arte. Não há mais espaço para a religião, metafísica e arte na ciência, e o homem moderno é um ser em crise, “a civilização corria os riscos de ser destruída pelos próprios meios civilizacionais”<sup>26</sup> está em um estado vazio, está em pleno niilismo, e o consumir é o tentar saciar este espaço vazio da morte de Deus, incluindo a negação dos instintos, do sentimento, do impulso dionisíaco.

[...] frenesi no trabalho - o verdadeiro vício do Novo Mundo – começa já a barbarizar, por contágio a velha Europa, dizimando uma estranha ausência de espírito. Tem-se vergonha do descanso; [...] Pensa-se de relógio na mão, mesmo quando está a almoçar [...]; vive-se como alguém que permanentemente tem medo de perder alguma coisa. [...] Uma vez que a vida, tornada caça ao lucro, obriga o espírito a esgotar-se sem repouso no jogo de dissimular, de iludir, ou de prevenir o adversário; a verdadeira virtude consiste agora de fazer uma coisa mais depressa do que um outro. Dessa forma, só em raras horas é que as pessoas se podem permitir ser sinceras: e nessas horas, está-se tão cansado que aspira não somente “deixar correr” mas estender-se pesadamente e deitar-se. [...] Se ainda encontra prazer na sociedade e nas artes, é um prazer do gênero daqueles que podem encontrar os escravos mortos de trabalhos. [...] Todos os dias o trabalho domina mais e mais a consciência em seu proveito: o gosto da alegria chama-se já “necessidade de descanso”. [...] antigamente, a maneira era inversa: era o trabalho que sofria de má consciência.<sup>27</sup>

Por isso que para o filósofo ter um *amor fati* é amar a vida mesmo na sua tragédia, é aceitar esse destino e não desejar nada mais além do que a própria existência, temos que afirmar a vida mesmo nos seus momentos mais severos e dolorido. E só um humano, demasiado humano, pode afirmar isso, só um super-homem é o que supera o niilismo moral, a metafísica e não rejeita esse eterno retorno da vida, como diz Zaratustra: “Eu sou hoje e de outrora,” - disse - “mas em mim há coisas que são de manhã, de depois de amanhã e de mais

25 NIETZSCHE, 2001, § 341, p. 230.

<sup>26</sup> \_\_\_\_\_, 2000, p. 272.

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_, 2000, p. 160, §329.

tarde ainda.”<sup>28</sup> Assim, para enfrentarmos a vida devemos ser “artistas”, para enfrentar as controvérsias do dia-a-dia na nossa vida, nossas crises.

Ser artista diante do niilismo e da falência de ideologias significa criar uma nova visão de sujeito e mundo e essa criação dependerá da força criativa interior: a força dionisíaca. A arte é o antídoto contra o lado árduo da vida,<sup>29</sup> ela estimula a vida contra a moral, e arte é a afirmação irrestrita da existência e do mundo. Só através da arte o homem poderá dizer sim a vida, pois negará a moral, e só um humano, demasiado humano, com um impulso da criatividade dionisíaca, dirá sim a vida tornando-se um super-homem. “Nietzsche tomou as reflexões sobre o niilismo como uma forma de analisar a crise do seu tempo. Assim, toda a crítica à metafísica ancora-se nesta categoria.”<sup>30</sup>

Niilismo: falta o fim, falta a resposta ao porquê? O que significa niilismo? Que os supremos valores se desvalorizam.” O diagnóstico do niilismo, Nietzsche o faz consciente e intencionalmente. “Pressuposto dessa hipótese: que não exista uma verdade, que não exista uma constituição absoluta das coisas, uma 'coisas-em-si': isto é niilismo, aliás, o niilismo eterno. Essa repropõe o valor das coisas propriamente no fato de que a tal valor não corresponda nem tenha correspondido nenhuma realidade, mas só um sintoma de força por parte de quem põe o valor.”<sup>31</sup>

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_, 2008, p. 144

<sup>29</sup>LIMA, Marcio José Silveira. **As máscaras de Dionísio: filosofia e tragédia em Nietzsche**. - São Paulo: discurso editorial; Itujú, R.S.; ed. UNIJUÍ, 2006, p. 166.

<sup>30</sup> MATOS, 2001, p. 140.

<sup>31</sup> \_\_\_\_\_, 2001, p. 140.

## 2.0- NIILISMO COMO CRISE DO SUJEITO MODERNO

O sujeito não pode agarrar o antropocentrismo moderno, isso para Nietzsche é o que se chama de niilismo reativo, por isso o homem deve se transvalorizar, transmutar-se... A ciência, religião, política, ateísmo, sociedade de consumo, como já foi dito, são niilistas. Pois ainda carregam valores absolutistas em si. A verdade então é estabelecida pelo filósofo como alicerce, mas, da vontade de nada. Ele colocará em xeque outras raízes do niilismo como o negativo, passivo e ativo. Esses são, segundo Nietzsche os quatro estágios perpassados pelo sujeito moderno:

Um doloroso e trágico espetáculo surge de mim: retirei a cortina da corrupção do homem. [...] Denomino corrompido um animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde seus instintos, quando escolhe, quando prefere o que lhe é nocivo. Uma história, dos “sentimentos elevados”, dos “ideais da humanidade” - e é possível que tenha de escrevê-la – praticamente explicaria por que o homem é tão degenerado. A própria vida apresenta-se a mim como um instinto para o crescimento de forças, para o poder: sempre que falta a vontade de poder ocorre o desastre. Afirmando que todos os valores mais elevados da humanidade carecem dessa vontade – que os valores de *decadência*, de niilismo, agora prevalecem sob os mais sagrados nomes.<sup>32</sup>

Estamos ainda na sombra do Deus morto, nas sombras do platonismo, nas sombras do cristianismo e bebemos de sua fonte com uma sede as vezes insaciável. O Niilismo Negativo, segundo Nietzsche é a primeira manifestação destes sintomas, “o paciente” ainda está sofrendo de cristianismo, platonismo, kantianismo e muito mais. O mal começara com Platão na síntese das filosofias de Parmênides do ser e o devir de Heráclito, as coisas estão em um movimento eterno, não permitindo encontrar a essência. Então, Platão determina o devir como mera aparência da verdade. O cristianismo, segundo Nietzsche é platonismo para massa, ambos condenam o corpo, ambos nega o aqui pelo aquém, o reino de Deus, o mundo das ideias, a verdade indubitável. As miragens metafísicas, desse sujeito moderno, não empírico, mas segundo o pensador, psicológico já que é a existência e seus valores de juízos sobre si mesma, sem pulsão buscando miragens e mais miragens, doente, não afirmam a vida, e velam em outros além mundos.

O niilismo negativo se caracteriza pela dualidade de ser, querer e não querer ao mesmo tempo transformando a dor em culpa para as mentes ascéticas. O decadente niilista

<sup>32</sup> NIETZSCHE, F. **O Anticristo**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, §6.

negativo serve como um camelo, tem o prazer de ser escravo em troca de valores morais que lhe justifica a “subordinação” “prazerosa”. Nietzsche condena esta dualidade, o platonismo, isto é não haver mais fronteiras entre o mundo das essências e das aparências e afirmar a transvalorização dos valores, os múltiplos. A aparência é realidade e este é o próprio devir, o pensador não aceita a verdade absoluta e afirma a possibilidade do falso em detrimento à concepção filosófica platônica idealista.

No cristianismo, nem a moral nem a religião têm qualquer ponto de contato com a realidade. São oferecidas causas puramente imaginárias (“Deus”, “alma”, “eu”, “espírito”, “livre arbítrio” – ou mesmo o “não-livre”). [...] Esse mundo puramente fictício, com muita desvantagem, se distingue do mundo dos sonhos; o último ao menos reflete a realidade, enquanto aquele falsifica, desvaloriza e nega a realidade. Após o conceito de “Natureza” ter sido usado como oposto ao conceito de Deus, a palavra “natural” forçosamente tomou o significado de “abominável” – todo esse mundo fictício tem sua origem no ódio contra o natural (- a realidade! -), é evidência de um profundo mal-estar com a efetividade... [...] Quem tem motivos para fugir da realidade? Quem sofre com ela. Mas sofrer com a realidade significa uma existência malograda... A preponderância do sofrimento sobre o prazer é a causa dessa moral e religião fictícia: mas tal preponderância, no entanto, também fornece a fórmula para a *décadence*...<sup>33</sup>

O segundo movimento do niilismo, Nietzsche denominará de “reativo” - onde Deus simula sua morte -, a morte de Deus é para ele o início de todos esses movimentos, no caso do niilismo reativo nega-se as concepções cristãs e platônicas. Contudo, vivemos ainda em suas miragens mas o vazio não para de crescer e a busca por um fundamento ainda faz o sujeito moderno dar espaços para o absoluto mesmo negando-o.

Novas lutas – Mesmo depois que morte de Buda, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. – Quanto a nós – nós teremos que vencer também a sua sombra.<sup>34</sup>

O sujeito moderno vive no estado de declínio dos valores absolutos, sem rumo, sem norte, as colunas da ética também foram afetadas, mas não resolverá trocar o niilismo reativo por Deus, muda-se apenas a metafísica por trás, mas a moral continua a mesma. “[...] Por isso estamos tão perdidos, somos humanos, demasiados humanos, para matar Deus! [...] Deus está morto! E nós o matamos!” Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os

<sup>33</sup> NIETZSCHE, 2007, § 15.

<sup>34</sup> \_\_\_\_\_, 2001, p. 105.

assassinos.”<sup>35</sup> A morte de Deus para Nietzsche é o maior acontecimento do seu século, mas assim como a sombra eterna do Buda na caverna, o sujeito moderno tem vício de metafísica e até o próprio ateísmo é cristianismo secularizado - na sua concepção. O sujeito cria valores humanistas para tomar lugar da religião finada, tornam-se deuses, trocam fé por razão, restituindo para ele mesmo o que era divino, mas creem no humanismo, progresso e ciência. Aqui o niilismo reativo o faz cair no antropocentrismo:

Mas ter-se-à desde já compreendido onde quero chegar: é em uma fé metafísica que assenta ainda nossa fé na ciência; pesquisadores do conhecimento, ímpios da metafísica, nós próprios, ainda acendemos fogo na fogueira acesa por milenária crença, fé cristã, crença que foi também a de Platão, para quem o verdadeiro se identifica com Deus e toda a verdade é divina.<sup>36</sup>

Para Nietzsche, não há verdade por trás da realidade e submeter-se a ela é carregar valores absolutos, por isso que o sujeito da ciência continua niilista, continua crente. Matar Deus é transvalorar os valores, é mudar nossa conduta na terra e para ela, é ter noção de como utilizar o espírito e a ciência nunca se submetendo a elas.

O terceiro movimento dos sintomas do sujeito moderno é o niilismo passivo onde Nietzsche afirma que não tem mais pulsão, vida desestruturada, nada de vontade. A doença aqui já está entrando em estado terminal e o “colapso” é quase “geral”, o niilista passivo já não suporta mais o seu corpo, já não resiste por sua debilidade e cansaço, se entrega e passivamente espera que o mundo lhe leve para alívio de alma, dor, vida, consciência. O paciente nesse estágio perdeu seus valores, deuses, esperança, caminho sólido. A ciência não se satisfaz com suas acepções, a religião não salvará, segundo Nietzsche em “Assim Falou Zaratustra”: “o adivinho diz: eu vi uma grande tristeza baixar sobre os homens. Os melhores se cansaram de suas obras. Espalhou-se uma doutrina e com ela circulou uma crença: ‘Tudo é vão, tudo é igual, tudo passou!’”<sup>37</sup>

Não há deuses, não há valores, não há destino, não há caminho seguro. O niilista passivo nega por negar, já não há mais força. A religião não salva, a ciência não encontra respostas, o homem é mau.

<sup>35</sup> \_\_\_\_\_, 2001, p. 126.

<sup>36</sup> NIETZSCHE, 2001, p. 184.

<sup>37</sup> \_\_\_\_\_, 2000, p. 149.

A pergunta do niilismo “para quê? Vem do uso, até hoje dominantes, graças ao qual o fim parecia fixado, dado, exigido de fora – quer dizer, por alguma autoridade supra-humana. Quando desaprenderam a crer nessa autoridade, procuraram, segundo uso antigo, outra que soubesse falar a linguagem absoluta e ordenar desígnios e encargos. A autoridade da consciência é agora sobretudo, uma compensação para a autoridade pessoal (quanto mais a moral se emancipa da teologia mais se torna imperiosa). Ou então é a autoridade da razão. Ou o instinto social (o rebanho). Ou ainda a história com seu espírito imanente, que tem o seu fim em si própria, e à qual podem confiadamente se entregar.”<sup>38</sup>

O esforço para tomar o lugar de Deus foi inútil, tudo é frágil, nada vale, o último homem – e seu rebanho - não quer valores absolutos e nem humanos, estamos para além do cristianismo, passamos pelo budismo e chegamos no fim. A vontade de Nada é a vontade que não existe mais, abandonou o moribundo moderno e seu antídoto como colocou Nietzsche aos olhos espertos é o eterno retorno, levando até seu último ato. Um niilista pode transvalorizar os valores ou voltar a ser niilista mesmo passando por todos os estágios ou só se mantendo em um deles não derrotando suas forças negativas.

Em todos os tempos os grandes sábios sempre fizeram o mesmo juízo sobre a vida: ela não vale nada... Sempre e por toda parte se escutou o mesmo tom saindo de suas bocas. Um tom cheio de dúvidas, cheio de melancolia, cheio de cansaço da vida, um tom plenamente contrafeito frente a ela. [...] O próprio Sócrates estava enfasiado da vida.<sup>39</sup>

Passamos por três estágios do niilismo reativo, negativo e passivo, onde nos apresenta um corpo debilitado, cheio de má-consciência e ressentimento, estamos no niilismo “ativo” a mais importante delas onde há a transvaloração de todos os valores. Para se mudar esse estado dever-se-ia deteriorar os valores por novos, negando e abdicando a vingança, o ressentimento, etc., essa negação pode ser tão potente que ressignifica as forças reativas tornando-se ativas. O cristianismo dentro dessa perspectiva niilista é, segundo Nietzsche a vitória dos fracos. O problema do niilismo é que carrega em si valores dos sujeitos que estão com as mãos sujas do sangue divino; aqui o niilismo volta-se contra si, mas o idealismo ainda tem Deus em sua cabeça. O niilismo não tem uma forma dialética pronta, dada, ele se multiplica como estamos percebendo, não tem como prever se seu fim se será passivo ou se formula em uma pulsão criadora, não temos como fugir disso, o niilismo passivo nos afunda,

<sup>38</sup> \_\_\_\_\_, 2008, § 3.

<sup>39</sup> \_\_\_\_\_, 2000, p. 6.

faz parte de sua fase. Contudo, o filósofo continua afirmando que o antidoto é o eterno retorno que elimina as vontades debilitadas, pois uma existência vegetativa não sustenta o peso do pensamento. Assim, a transvaloração é o fluir, é suportar o peso mais pesado, o sujeito passivo niilista tem melhoras no eterno retorno, pois afeta os vírus da compaixão, culpa, etc. A solução é um niilismo que supere a si mesmo, o ativo seria ele, pois dentro de si existe uma afirmação que nega fracos valores, um força em si além de si.

Segundo Nietzsche, perdeu-se tempo o suficiente com mundos além, aquém, os ideais, não se focava na vida para lhe criar valores, por isso o que temos são valores da filosofia sacerdotal. Por essa razão que o niilismo acabou tornando-se vontade de nada, niilismo passivo debilitado e manco. Nietzsche nos dá um caminho para o corpo debilitado do homem moderno, “isso é o que tenho realmente em mãos, tenho aliás as mãos para isso, mudar de perspectiva: primeira razão pela qual só a mim talvez foi reservada a possibilidade de uma ‘transmutação de valores’”,<sup>40</sup> seguir o seu instinto, ser expansivo, crescente, seguir o próprio corpo em detrimento as dicotomias devoradoras de vidas. Não se pode retroceder quando está nesta posição, o eterno retorno suavizará o peso do ser. Pois, “vemos até que ponto o fato de o preconceito da razão nos obrigar a fixar a unidade a identidade, a duração, a substância, a causa, a coisidade, o Ser, nos enreda de certa maneira no erro, nos leva necessariamente ao erro.”<sup>41</sup>

Nietzsche se via em um período de decadência corrompida pelos ideários dos padres e idealistas e suas barbeiragens de vontades adoentadas nos tornando sujeito dóceis. A cultura nos escraviza mais do que alforria, não agem como no período medieval enfraquecendo o corpo mas usam nossa mente. Por isso que a decadência do seu tempo enfraquece, pois nos apegamos as concepções que nos impossibilitam de ir além; nós não somos civilizados, raça humana, somos algo a ser superado de forma minuciosa e rápida por uma – repetimos – transvaloração de todos os valores. Será o suficiente para derrocar os três primeiros momentos do niilismo. Transformar a vida em matéria-prima, com criatividade e afirmações, dizer sim a Terra teremos infinitas possibilidades, dizer não teremos percas e limitações.

Os homens foram pensados como "livres", para que pudessem ser julgados e punidos - para que pudessem ser culpados. Consequentemente, toda ação precisaria ser considerada como desejada, a origem de toda ação como estando situada na consciência (- com o que a mais fundamental fabricação

<sup>40</sup> NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001, §1 p. 23.

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_, 2000, p. 10.

de moedas falsas transformou-se, no interior do psicologicismo, em princípio da própria psicologia...). Hoje, quando adentramos o movimento inverso, quando nós imoralistas buscamos novamente com toda força sobretudo retirar do mundo o conceito de culpa e o conceito de punição, purificando destes conceitos a psicologia, a história, a natureza, as instituições e as sanções comunitárias, não há em nossos olhos nenhum antagonismo mais radical do que o em relação aos teólogos que continuam a infectar a inocência do vir-a-ser com as noções de "punição" e "culpa", a partir do conceito de "ordem moral do mundo". O cristianismo é uma metafísica de carrasco.<sup>42</sup>

<sup>42</sup> NIETZSCHE, 2000, p. 8.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi proposto inicialmente, nosso trabalho tinha como perspectiva perceber como esse sujeito moderno - relacionado com o transcendental/absoluto - foi o “assassino” de Deus, e como essa turbulência desvelou o niilismo. Neste período, Nietzsche já esboçava um antídoto o – super-homem - para as múltiplas falências da sociedade através de seu porta voz “Zaratustra”, com o vislumbamento de um ‘nova aeon’. Deve-se transmutar-se, superar a si mesmo – isto é, a própria vontade de poder. Segundo o filósofo, o absoluto não está além de nós, não há essa dualidade hereditária. Esse ser absoluto efetiva-se na metafísica alicerçado na esperança de um suprassensível, supra mundos. Por isso a importância desta pesquisa, já que de fato retira-se um ateísmo de que Nietzsche injustamente é julgado. A ‘morte de Deus’ é uma reviravolta social, um apocalipse mental, o fim de formas fundamentalistas – valores - de pensar e ser. Com estas falências, deve-se ocupar esse vácuo, para o pensador: o sujeito.

O homem liberto em suas escolhas, afastando-se cada vez mais dos valores defuntos, deve buscar um novo, deve transvalorizar os valores. Sem miragens metafísicas, religiosas, científicas, mas só um homem seria capaz de tal feito e não seria o massificado europeu mas o Übermensch. O super-homem não é niilista, é o sujeito que vai superar a si mesmo, transvalorizar todos os valores, ou seja, um ‘herói’ trágico que afirma a criação de novos valores da vida. A visão trágica é um equilíbrio entre ilusão e verdade, entre aparência e essência. Mas na modernidade o homem tenta compreender Deus de forma racionalista, a filosofia não estava mais caminhando em solo puramente dogmático. E interpreta racionalmente todos os mitos, assim era o homem moderno.

Nietzsche não propaga portanto um ateísmo quando constata a morte de Deus, apesar de ser uma expressão aparentemente “forte” aos olhos de estranhos a sua filosofia. Sua conduta contra o cristianismo é contundente, pois, segundo ele esta enfraquece a vida forjando um supra mundo, imóvel, verdadeiro, infinito. Enfraquece na medida em que se nega o aqui para o além, por uma vida no paraíso. A metafísica dual aparece como a redenção da vida do decadente que no auge de seu niilismo, de sua nulidade de vida, escolhe o nada à

vida. Nietzsche é contundente mais uma vez, quando diz que cristianismo é “platonismo para o povo”, pois “fez” “surgir” um mundo no além: verdadeiro, imóvel, infinito, perfeito, bem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COMTE, Auguste. **Princípios de filosofia positivista**. São Paulo: editorial paulista. [19...a].

ESPINOSA, B. **Pensamentos Metafísicos**. 2 ed. Tradução e notas de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

GIANCOIA JUNIOR, Oswaldo. O Platão de Nietzsche. O Nietzsche de Platão. **Cadernos Nietzsche** n° 3, Departamento de filosofia da USP, setembro de 1997. Disponível em <<http://webcache.googleusercontent.com/searchq=cache:js0mdij7dhEJ:www.cadernosnietzsche.unifesp.br/pt/home/item/download/14+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 19 de Abril de 2016.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

LIMA, Marcio José Silveira. **As máscaras de Dionísio: filosofia e tragédia em Nietzsche**. - São Paulo: discurso editorial; Itujuí, R.S.; ed. UNIJUÍ, 2006.

MACHADO, Roberto. Deus, homem, super homem. **Revista kriterion** 89 – volume 35, belo horizonte, 1994.

\_\_\_\_\_, R. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MATOS, Junot C. Críticas nietzschianas à modernidade. **Revista impulso** n° 28 – volume 12, Piracicaba/SP 2001, p. 136. Disponível: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp28art12>>. Acessado em 27 de Abril de 2016.

MOURÃO. Ronaldo Rogério de Freitas. **Copérnico: pioneiro da revolução astronômica**. Rio de Janeiro: editora Odysseus- coleção Imortais da ciência. 2004.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **A genealogia da moral**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano.** São Paulo: Cia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra.** Trad. de Mario da silva. 11 ed., Rio de janeiro: Civilização brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos** (ou como filosofar com o martelo). Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo.** Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano.** São Paulo: Cia. das letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo.** Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **A vontade de poder.** Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

SKINNER, Q. **Razão e Retórica na Filosofia de Thomas Hobbes.** Ed. Unesp, São Paulo, 1999.